

Cartografar a Literatura: contributos da abordagem geocrítica para a perenidade da Literatura de Viagens

Sara Cerqueira Pascoal

Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto
Instituto Politécnico do Porto
CEI – Centro de Estudos Interculturais e IELT (FCSH-UNL)
spascoal@iscap.ipp.pt

Resumo: Quatrocentos anos após a publicação, pelos prelos de Pedro Craesbeck, de uma das obras mais relevantes da Literatura de Viagens portuguesa, a *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto, pretende esta comunicação abordar novas metodologias de análise destas narrativas, propondo-se nomeadamente uma perspetiva geocrítica. Se é verdade que a Literatura tem estabelecido relações metodológicas com outras Ciências Humanas e Sociais, como a História, a Sociologia, a Filosofia, a Antropologia ou a Psicologia, que têm redundado em frutuosas revelações, já as suas relações com a Geografia são tímidas e por vezes relutantes. A despeito das brilhantes intuições dos nossos primeiros geógrafos – Amorim Girão ou Orlando Ribeiro – que cedo mediram o valor das relações entre Geografia e Literatura, são atualmente muito poucos os estudos que usam fontes literárias na reconstituição do saber geográfico e métodos geográficos para a análise literária. Há, no entanto, algumas contribuições, que seguem a esteira de investigadores estrangeiros, como Tuan, Pocock, Moretti, Chevalier, Bailly. Recentemente, em Portugal, o uso de fontes literárias na análise geográfica tem sido efetuado por investigadores como Fernanda Cravidão, Rui Jacinto ou João Carlos Garcia. A Literatura não pode virar as costas à importância dos métodos geográficos na análise literária. Tal como afirmou Charles Batten (1978), «travel

books also bear a striking resemblance to descriptive geographies in their treatment of such subjects as the physical appearance, customs, commerce, history and laws of specific areas». Partindo, num primeiro momento, do estado de arte do cruzamento dos estudos literários com os estudos geográficos, esta comunicação apresenta exemplos de cartografia temática elaborada com base nos itinerários percorridos em algumas narrativas de viagem portuguesas da segunda metade de Oitocentos, revelando muitas das vantagens e novas metodologias que advêm da abordagem geocrítica.

Palavras-chave: Narrativa de viagens; Geografia literária; Cartografia temática; Geocrítica.

A abordagem crítica das narrativas de viagens tem sido sobretudo encetada pela Literatura Comparada, e mormente pelos estudos imagológicos, em que a viagem é encarada enquanto prática cultural, mas igualmente enquanto espaço propiciador de um contacto com o *Outro*, que se cristaliza na criação de auto e hetero-imagens e na consolidação da identidade nacional, pela atitude comparativa que se estabelece em contacto com o *estrangeiro*¹. A abordagem imagológica da Literatura de viagens tem servido essencialmente o propósito de contribuir para entender a aprofundar a formação das identidades nacionais, uma vez que, tal como sublinharam Elsner e Rubiès, "(...) the literature of travel not only exemplifies the multiple facets of modern identity, but it is also one of the principal cultural mechanisms, even a key cause, for the development of a modern identity, since the Renaissance" (ELSNER e RUBIÈS, 1999: 4).

Se a perspetiva imagológica nos tem dado preciosos contributos no quadro da análise da Literatura de viagem e de construção de um conhecimento sobre a imagem ou representação do estrangeiro, particularmente a) a imagem de um referente estrangeiro, b) a imagem se uma nação², c) a imagem conformada pela sensibilidade autoral (MOURA, 1999:184), nos últimos tempos, de uma forma consolidada nos países anglo-saxónicos e, de forma mais tímida, em Portugal, temos assistido a um verdadeiro *spatial turn*, isto é, um interesse crescente dos estudos literários pelo espaço e pelos métodos geográficos. Esta relevância dada à dimensão espacial foi

¹ Ver OUTEIRINHO, 2000.

² BELLER e LEERSEN, 2007.

interpretada de diversas formas pelas Ciências Sociais, uns sustentando que a pós-modernidade se caracterizaria por uma inversão da hierarquia entre tempo e espaço, outros invocando um fim da História. Não é que a História tenha sido posta de parte, mas parece haver um declínio de um certo modelo histórico. Na verdade, a inscrição dos fenómenos humanos e sociais no espaço tem interessado cada vez mais as Ciências Sociais e até a História. Não podemos deixar de relembrar, por exemplo, Fernand Braudel que propôs o termo “geohistória” para descrever as relações que uma sociedade mantém na História e na diacronia com o espaço. Para além da Geohistória, outra terminologia surgiu para dar conta desta nova metodologia. As novas designações como Geocrítica³, Geopoética⁴ ou Geofilologia parecem, de facto, encerrar novas metodologias e desafios para os estudos literários. E quais são estes desafios?

Daniel-Henri Pageaux num artigo inserido na recolha *La Géocritique mode d'emploi*, editado por Bertrand Westphal, em 2000, interroga-se precisamente sobre a questão, a saber, não só qual o lugar da Geografia na metodologia comparatista, mas sobretudo qual a sua utilidade. Pageaux responde-nos desta forma: “La prise en compte de la géographie permet d’entrevoir, sinon d’élucider la nature, la fonction et les modalités d’étude de l’imaginaire littéraire et d’approcher des questions qui touchent la création poétique” (PAGEAUX, 2000 : 157).

Por seu turno, o próprio Bertrand Westphal, que cunhou o termo Geocrítica, neste mesmo livro, descreve-nos uma metodologia capaz de “articular” a literatura em torno das suas relações com o espaço, de promover uma Geocrítica, poética, cujo objeto seria não o exame das suas relações com o espaço na literatura, mas as interações entre espaços humanos e literatura.

A despeito das brilhantes intuições dos nossos primeiros geógrafos – Amorim Girão ou Orlando Ribeiro – que cedo mediram o valor das relações entre Geografia e Literatura, são ainda muito poucos os estudos portugueses que usam fontes literárias na reconstituição do saber geográfico.

³ Termo cunhado por Bertrand Westphal (WESTPHAL, 2000 e 2007).

⁴ Termo conhecido desde a década de 70 e ilustrado sobretudo por Kenneth White.

As relações entre Geografia e Literatura são, porém, já muito remotas. Se recorrermos às palavras de Maurice Chevalier, remontam a 1907: "(...) la mention la plus ancienne que j'ai pu repérer apparaît en 1907 sous la plume d'un essayiste quelque peu polygraphe " (CHEVALIER, 2001 : 17). Na verdade, desde a Antiguidade, e, mais tarde, no século XIX, se recorria aos relatos de viagem para a produção do conhecimento geográfico. Basta relembrar os estudos de Alexander von Humboldt. Também o I Congresso Internacional de Geografia, realizado em Bruxelas, em 1871, teve como tema, numa das quatro sessões, a rubrica "Navegação e Viagens" (CAPEL, 1989: 20).

Apesar destas origens "longínquas" da relação entre Geografia e Literatura, a verdade é que teremos de aguardar até à década de 70, do século XX, para que a produção geográfica sobre o discurso literário ganhasse novo fôlego. Nos finais da década de sessenta, assiste-se a um interesse renovado pela criação e reestruturação de novas metodologias e novos continentes científicos, de índole marcadamente interdisciplinar. Sob o influxo de temários e metodologias especializados pela Geografia anglo-saxónica, multiplicam-se inéditas abordagens e renovados objetos de investigação.

A Geografia humanista, de génética e primado anglo-saxónicos, rapidamente estenderia o âmbito dos seus estudos à leitura e análise das fontes literárias em reação contra a "nova Geografia", de cariz teórico, abstrato e quantitativo. Trabalhos como os de SALTER E LLOYD (1978), de SIMPSON-HOUSLEY e MALLORY (1987), POCOCK (1988), LAFAILLE (1989), ORTEGA (1992), BROUSSEAU (1994), fornecem-nos pistas, sugestões e novas leituras sobre a evolução das relações entre Geografia e Literatura⁵.

Em 1974, Yi-Fu Tuan, num estudo que se tornaria clássico – a obra *Topofilia* – foi um desses pioneiros que defenderiam a utilização de fontes literárias para o conhecimento geográfico. Os seus contributos continuariam a aprofundar-se a partir de então, com outras obras célebres como *Literature, Experience and Environmental Knowing* (TUAN, 1976), "Lite-

⁵ Não é nosso propósito, porque não caberia dentro do âmbito de um trabalho tão espalhado, reconstituir exaustivamente todos os trabalhos e pesquisas que historicamente relacionaram Geografia e Literatura, apenas tentar fornecer um quadro conceptual diacrónico da sua evolução.

ature and Geography: implications for geographical research" (TUAN, 1978), ensaio publicado na coletânea *Humanistic Geography: prospects and problems*, editada por David Ley e Marwin Samuels (LEY, SAMUELS, 1978). Aos 81 anos, Tuan é ainda hoje um eminente geógrafo, continuando a publicar obras de referência, nomeadamente *Humanistic Geography. An Individual's search for meaning* (2012) da Universidade de Michigan, onde resume e passa em revisão aspetos fundamentais da sua carreira.

Nos anos oitenta, autores como Douglas Pocock, professor da Universidade de Durham, foi um dos investigadores que procuraram trilhar também este caminho, publicando em Inglaterra obras como *Humanistic Geography and Literature* (POCOCK, 1981). Continua a aprofundar a sua obra em *Geography and Literature* (POCOCK, 1988) onde faz um levantamento dos geógrafos britânicos que conduzem pesquisas sobre Geografia e Literatura.

Em língua francesa, para além dos trabalhos precursores de Armand Frémont, que foi dos autores que maior apelo lançou à Literatura em *La région, espace vécu* (FRÉMONT, 1976), juntam-se Antoine Bailly com *La perception de l'espace Urbain* (1977) ou a obra que editou juntamente com Robert Scariati, *L'Humanisme en Géographie* (BAILLY, SCARIATI, 1990).

Na mesma esteira das pesquisas anteriores, não podemos deixar de referir o nome de Bertrand Lévy. Professor da Universidade de Genève, Bertrand Lévy deu os primeiros passos usando como fonte a obra de Herman Hesse, com o livro *Géographie humaniste et littérature: l'espace existentiel dans l'oeuvre de Hermann Hesse (1877-1962)* (LEVY, 1989). Em 2006 e posteriormente em 2009, Lévy divulgaria uma síntese dos temários da Geografia literária com *Géographie et littérature. Une synthèse historique* (LEVY, 2006) e *Paysages urbains nocturnes et littéraires. Exemples pris à Tokyo et Paris* (LEVY, 2009). Dos vários artigos que publicou destacamos ainda "Géographie culturelle, géographie humaine et littérature, position épistémologique et méthodologique", de 1997. Atualmente, dirige o projeto "GeoLitt. Géographie urbaine et Littérature: mythe, image et expérience des villes", onde leva a cabo dois estudos comparados: "Paris-St-Pétersbourg à travers la littérature de Balzac et de Dostoïevski (XIX siècle)" e "Genève-Prague à travers le discours sur la

métropolisation (XXX et XXI siècles)”⁶. Por seu turno, Michel Chevalier contribuirá igualmente com estudos fundamentais para a temática em apreço, tais como a obra *Géographie et Littérature* (CHEVALIER, 2001 e 2003).

Na Universidade Paris 1, Jean-Louis Tissier tem também ele contribuído, desde os anos oitenta, com a leitura geográfica de obras literárias com *Paysages: expressions littéraires et audiovisuelles*, a sua tese de Doutoramento apresentada à Universidade de Paris 1 (TISSIER, 1986) e ainda com artigos como “De l’esprit géographique dans l’œuvre de Julien Gracq”, publicado na revista *L’Espace géographique* (TISSIER; 1981), ou “Géographie et littérature”, texto inserido na *Encyclopédie de Géographie*, editada por Antoine Bailly, em 1992.

Na mesma Universidade, Jean-Marc Besse tem votado as suas investigações à interrogação das representações da paisagem e às experiências do espaço, no quadro da Geografia. As suas publicações mais relevantes são *Voir la Terre. Six essais sur le paysage et la géographie* (BESSE, 2000), traduzida para português pela Editora Perspetiva de S. Paulo, em 2006 ; *Face au monde. Atlas, jardins, géoramas* (BESSE, 2003); *Le goût du monde. Exercices de paysage*, (BESSE, 2009) ou *La sombra de las cosas. Sobre paisaje y Geografía* (BESSE, 2010).

Destacamos ainda, do outro lado do Atlântico, os trabalhos de Marc Brosseau que, desde 1993, com o artigo “La géographie olfactive ou le flair romanesque”, tem vindo recorrentemente a aprofundar as relações entre Geografia e Literatura. Dos seus últimos trabalhos constam, por exemplo, os artigos “L’espace littéraire en l’absence de description: un défi pour l’interprétation géographique de la littérature” (BROUSSEAU, 2008), “L’espace littéraire entre géographie et critique” (BROUSSEAU, 2011) ou “Imaginaire des bas-fonds chez Bukowski” (BROUSSEAU, 2012).

Em horizontes geográficos mais próximos, na vizinha Espanha, os estudos geográficos também não têm descurado o papel das fontes literárias. Na Universidade de Barcelona, Horacio Capel tem vindo, nos últimos trinta anos, a realizar trabalhos de Geografia urbana, onde a Literatura tem amplo destaque. Relembramos a sua publicação “Geografía y Arte

⁶ Cf. <http://www.unige.ch/ses/geo/recherche/projets/geolitt.html>.

Apodémico en el siglo de viajes” (CAPEL, 1985) e as revistas *Geocritica*⁷ e *Scripta Nova*⁸ que tem coordenado e impulsionado.

Uma das discípulas de Horacio Capel, Maria del Mar Serrano, tem desenvolvido também um trabalho emblemático, utilizando os guias de viagem nas suas prospeções geográficas, onde se destacam a sua dissertação de Doutoramento *La percepción del espacio geográfico através de las guías y los relatos de viaje en la España del XIX, ou os artigos, como “La ciudad percibida. Murallas y Ensanches desde las Guías urbanas del siglo XIX”* (1991), ou “Viajes y viajeros por la España del siglo XIX” (1993).

Os relatos de viagem têm constituído, de facto, uma fonte privilegiada no discurso geográfico. Sobrelevamos aqui outros contributos de geógrafos para o conhecimento do espaço espanhol a partir da Literatura de viagens. De Dolores Brandis que defendeu uma tese sobre a paisagem residencial de Madrid, destacamos “Los relatos de viajes en la construcción de la imagen de la ciudad. Itinerarios de viajeros extranjeros en el Madrid de los siglos XVI, XVII y XVIII” (BRANDIS, 2010). A compilação *Viajes y geografía*, organizada por Perla Zuzman, Carla Lois e Hortensia Castro é igualmente exemplo deste interesse (ZUSMAN, LOIS, CASTRO, 2007).

Em 2001, constitui-se na Assembleia Geral da Asociación de Geógrafos Españoles, o “Grupo de trabajo de Historia del Pensamiento Geográfico”⁹, que utilizará fontes históricas e literárias na construção do pensamento geográfico. Este grupo reuniu vários interessados nas pesquisas em Geografia literária, nomeadamente Eduardo Martínez de Pisón, Nicolás Ortega Cantero, Josefina Gómez Mendoza, Jacobo García Álvarez, Francisco Ojeda Rivera, António López Ontiveros, entre outros e organizou diversos colóquios, cujas atas foram reunidas em livro¹⁰. Estes investigadores são responsáveis por algumas das pesquisas mais reveladoras das relações entre Geografia e Literatura. Eduardo Martínez de

⁷ Cf. www.ub.edu/geocrit/menu.htm.

⁸ Cf. www.ub.edu/geocrit/nova.htm.

⁹ Ver o site do grupo em: <http://www.agepensamiento.es/page.php?id=3>.

¹⁰ Cf. LÓPEZ ONTIVEROS, NOGUÉ, ORTEGA CANTERO, 2006; PAÛL I CAR-RIL, TORT I DONADA, 2007; ORTEGA CANTERO, GARCÍA ÁLVAREZ, MOLLÁ RUIZ-GÓMEZ, 2010.

Pisón, catedrático emérito da Universidade Autónoma de Madrid, dedicou a sua obra à análise da paisagem das montanhas, tendo publicado *Miradas sobre el paisaje* (MARTINEZ DE PISÓN, 2009) ou *El sentimiento de la montaña* (MARTINEZ DE PISÓN, 2010). Juntamente com outro catedrático da Universidade Autónoma de Madrid, Nicolás Ortega Cantero, tem publicado várias obras, no âmbito dos seus trabalhos como membros fundadores do “Instituto del Paisaje da Fundación Duques de Soria”, nomeadamente *Los valores del paisaje* (MARTINEZ DE PISÓN e ORTEGA CANTERO, 2009) e *Paisaje: valores y identidad* (MARTINEZ DE PISÓN e ORTEGA CANTERO, 2010).

Em Portugal, também o geógrafo Amorim Girão, no início dos anos 50, mediu a importância das relações entre a Geografia e a Literatura. As relações entre estas duas áreas do saber sempre foram intermitentes e pouco amplas. Amorim Girão afirmava:

“(...) parece à primeira vista que não ligam muito bem estas duas expressões – Geografia e Literatura –, e até algumas vezes elas se têm enlaçado quando se quer diminuir a obra de muitos cultores da ciência geográfica. Acusam-se frequentemente os geógrafos de literatos, querendo talvez significar que eles desprezam todo o contacto com a realidade, vivendo no domínio da pura fantasia. Fala-se de “Literatura geográfica” quase sempre com intuitos de maldizer; e, deturpando muito embora a expressão, também se terá falado de “Geografia literária” mais ou menos no mesmo sentido.” (GIRÃO, 1952: 105).

Foi no sentido de reativar a relação entre a Geografia e a Literatura, em boa verdade reabilitando a Geografia vidaliana, que Amorim Girão abordou a obra de Gil Vicente em “A corografia portuguesa nas obras de Gil Vicente” (GIRÃO, 1936a), ou “O Ribatejo na obra de Gil Vicente” (GIRÃO, 1936b). Este mesmo geógrafo haveria ainda de apresentar ao XVI Congresso Internacional de Geografia (Lisboa, 1949) a comunicação “As descrições de viagens dos séculos XVI e XVII e a Geografia Humana” (GIRÃO, 1951).

Mas depois deste impulso inicial de Amorim Girão, só muito mais tarde, já na década de 70, se assistiria ao lançamento de um outro trabalho geográfico que tem como fonte o texto literário. Referimo-nos aos

trabalhos de Orlando Ribeiro e ao seu “Comentário geográfico a dois passos de Os Lusíadas” (RIBEIRO, 1989b), ou “Camões e a Geografia” (RIBEIRO, 1989a).

Na década de 80, serão os trabalhos de João Carlos Garcia que renovarão o uso de fontes literárias para a reconstituição do saber geográfico com “Eça de Queirós na Aquitânia: o turismo no fim do século” (GARCIA, 1986), ou com Teresa Barata Salgueiro “Lisboa nos finais do século XIX. Geografia de uma transição” (SALGUEIRO e GARCIA, 1988).

Datado de 1992, o artigo de Fernanda Cravidão “Ficção, espaço e sociedade. Notas para uma leitura geográfica e social da obra de Alves Redol, *Avieiros*” (CRAVIDÃO, 1992) continua, já na década seguinte, a reiterar a importância da Literatura dentro da Geografia Histórica. Ainda na mesma década, mas em 1995, Rui Jacinto contribui para a temática em apreço com “As outras Geografias: a Literatura e as leituras do território” (JACINTO, 1995) e, em 1997, Suzanne Daveau utiliza as cartas do Padre António Vieira como fonte primária para uma análise em Geografia Física (DAVEAU, 1997). Em 1999, João Carlos Garcia e Miguel Nogueira publicam “Cartas de S. Jorge (1899-1913): O Espaço vivido e recordado da Família Lacerda” (GARCIA e NOGUEIRA, 1999).

A partir de 2000, são inúmeros os artigos e comunicações em Conferências que refletem sobre as ligações entre Geografia e Literatura. Relevamos a comunicação “Literatura e Geografia: outras viagens, outros territórios. Emigrantes de Ferreira de Castro” (CRAVIDÃO e MARQUES, 2000), apresentada no Simpósio Internacional 500 Anos de Descobertas Literárias, na Universidade de Brasília, ou “Lição de Geografia através de uma poesia” (GOUVEIA e MOREIRA, 2001), apresentada ao Encontro Ibérico de Professores de Geografia. Ainda em 2000, assinalamos um outro estudo, onde a Geografia se serve da Banda Desenhada como fonte. Referimo-nos à tese de Mestrado de Miguel Coelho, defendida na Faculdade de Letras da Universidade do Porto e intitulada *Pranchas do Espaço Ibérico Medieval. Um olhar geográfico sobre a banda desenhada histórica* (COELHO, 2000). Mais recentemente, destacamos o trabalho de Francisco Choupina que culminaria com uma tese de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra intitulada *O Lugar do Meio – Uma leitura geográfica da obra de Miguel Torga* (CHOU-PINA, 2005). A metodologia aplicada por Choupina faz-nos revelações,

até aqui unsuspeitáveis, sobre a obra de Torga, que a Literatura e os literatos teimam em ignorar. A Leitura geográfica da obra de Torga põe em causa muitos dos estribilhos que, um por um, analistas da obra e carácter torguiano vão repetindo, nomeadamente a sua transmontanidade, a sua portugalidade e o seu iberismo. Choupina desmonta o discurso torguiano para provar que não passa de mera construção literária e que esses espaços não são deveras vividos, mas meras vivências intelectuais.

Mas se a Geografia tem recorrido frequentemente à Literatura “ora como fonte de informação primária e secundária, ora como relato subjetivo da experiência do espaço e do lugar, ora como denúncia da ordem estabelecida e estímulo à mudança; ora como um meio para abordar a história da Geografia, ou ainda como recurso didático no ensino da própria Geografia” (CHOUPINA, 2005: 34), como se tem desenvolvido a relação entre a Literatura, geral ou comparada, e a Geografia?

Nos últimos anos, vários investigadores nos dão conta da importância deste *spatial turn*, Basta referir, a título de exemplo os artigos “Literary Studies and the Spatial Turn” (WINKLER, SEIFERT, DETERING, 2012), “The Spatial Turn in Literary Historiography” (CABO ASEGUI-NOLAZA, 2011), “Littérature et géographie: lieux, espaces, paysages et écritures” (BARON, 2011), “Pour une géographie littéraire” (COLLOT, 2011), “*Spatial turn: On the Concept of Space in Cultural Geography and Literary Theory*” (HESS-LÜTTICH, 2012), ou os livros *Communicating in The Third Space* (IKAS, WAGNER, 2009) e *Spatial Turns: space, place and mobility in german visual culture* (FISHER, MENNEL, 2010).

Nos E.U.A., Robert Tally tem sido o grande impulsionador do método geocrítico. Tradutor da obra de Bertrand Lévy, Tally tem também publicado artigos como “Geocriticism: Mapping the Spaces of Literature” (2009), e livros como *Melville, Mapping and Globalization. Literary cartography in the American baroque writer* (TALLY, 2009), *Geocritical Explorations: Space, Place, and Mapping in Literary and Cultural Studies* (TALLY, 2011) e o mais recente, *Spatiality* (TALLY, 2012).

A Geografia literária, que parece ser o termo preferido, está efetivamente na moda, embora possua já cerca de duas a três décadas. Uma das contribuições mais relevantes foi, sem dúvida, a de Franco Moretti, um italiano que é professor na Universidade de Stanford. O seu livro – *Atlas do romance europeu (1800-1900)*, traduzido para português em

2003, mas publicado pela primeira vez em 1998, é uma obra estruturada em duas partes. Por um lado, Moretti interessa-se pela representação dos espaços na Literatura, o que faz sobrelevar a metodologia da Geografia literária e, em segundo lugar, pelo estudo da Literatura nos espaços, pelos lugares de difusão e receção dos textos romanescos do séc. XIX, que é no fundo a metodologia de uma Geografia da Literatura. A ideia de Moretti de constituir mapas ou cartas com base nos romances tem inspirado muitos outros investigadores, como é o caso de um dos trabalhos mais ambiciosos que está em curso, o de constituir um Atlas do Romance Europeu. Este projeto do Instituto Cartográfico da Universidade de Zurique, coordenado por Barbara Piatti, recorre às mais modernas ferramentas de Cartografia Assistida por Computador, para tentar reconstituir um Atlas literário da Europa¹¹. Barbara Piatti é uma das mais recentes investigadoras desta área, contando já diversas publicações em língua alemã, entre as quais destacamos *Die Geographie der Literatur. Schauplätze, Handlungsräume, Raumphantasien* (PIATTI, 2008).

No entanto, a ideia de construir atlas literário já não é nova. Em 1973, Jeremiah Benjamin Post editou *An Atlas of Fantasy* que reúne mais de cem mapas que cartografam terras imaginárias, descritas nas mais emblemáticas obras da Literatura mundial (POST, 1973). Em 1880, Alberto Manguel e Gianni Guadalupi publicaram *O Dictionary of Imaginary Places*, que foi posteriormente reeditado em 1987 e 1999, obra definida pelos autores como um Baedeker de terras ficcionais, cuja tradução para português foi editada em 2003 (MANGUEL e GUADALUPI, 2003). O livro conta com ilustrações de Graham Greenfield e Eric Beddows, e os mapas e plantas são de James Cook.

Na Université Sorbonne III, e com o patrocínio do CNRS, Michel Collot¹² e Julien Knebusch, dirigem o programa de pesquisas “Vers une Gé-

¹¹ O projeto “A Literary Atlas of Europe”, que se propõe cartografar e analisar, através de ferramentas electrónicas, a Geografia da Ficção, pode ser consultado em inglês em <http://www.Literaturatlas.eu/en/project/>. Este projeto é coordenado pela Universidade de Zurique com a colaboração de investigadores da Universidade de Göttingen, na Alemanha e da Universidade de Praga, República Checa.

¹² Michel Collot forneceu-nos em 2011, um estado da arte da Geografia Literária, na sessão introdutória do programa de estudos “Vers une géographie littéraire”, disponível em vídeo em: <http://archive.org/details/Geographielitteraire1.collot.etatdeslieux>.

graphie Littéraire”¹³ que possui um *blog*, espécie de caderno onde se recolhem os seminários realizados no âmbito do projeto, mas também uma bibliografia muito completa, notas de leitura e livros recentemente lançados sobre a temática. Este programa visa sobretudo refletir sob as novas designações Geocrítica, Geopoética¹⁴ ou Geofilologia, terminologia que parece encerrar novas metodologias e desafios para os estudos literários. Para além de Michel Collot¹⁵ e Julien Knebusch¹⁶, fazem ainda parte deste grupo Christine Baron ou Yvon Le Scanf¹⁷.

Nos últimos cinco anos são inúmeros, de facto, os projetos na área da Geografia Literária. Arrolamos apenas aqui alguns dos mais importantes. O projeto *American Tropics: Towards A Literary Geography*¹⁸, da Universidade de Essex, terminou em 2011 e resultou já uma publicação *Cuba's Wild East* de Peter Hume (HUME, 2011). Outro projeto de cartografia literária é o *Digital Literary Atlas of Ireland (1922- 1949)*¹⁹ que pertence à Universidade de Dublin. Na Lituânia, o projeto *Geography of Literature: textual territories and imaginary maps*²⁰ tenta igualmente unir a Geografia e a leitura do espaço à análise filológica, tentando focalizar a sua atenção nos espaços reais e imaginados. *Mapping St Petersburg: Experiments in Literary Cartography*²¹ tem como objetivos cartografar a cidade de S. Petersburgo a partir das obras de grandes autores russos, como Dostoievski. Propósitos semelhantes apresenta o projeto *Mapping Nordic Literary Culture: A Virtual Exhibit sponsored by the Nordic Council of Ministers*, unindo Universidades como a UCLA, Berkeley e a Brigham Young University²². Finalmente, na Universidade de Lancaster o projeto de cinco anos *Spatial Humanities: Texts, Geographic Information Systems and places*²³ financiado pelo Conselho Europeu de Investigação visa

¹³ Cf. <http://geographielitteraire.hypotheses.org/a-propos>.

¹⁴ Termo conhecido desde a década de 70 e ilustrado sobretudo por Kenneth White.

¹⁵ COLLOT, 2011.

¹⁶ KNEBUSCH, 2012.

¹⁷ LE SCANF, 2007.

¹⁸ Cf. http://www.essex.ac.uk/lifts/American_Tropics/index.htm.

¹⁹ Cf. <http://www.tcd.ie/longroomhub/digital-atlas/>.

²⁰ Cf. http://www.vilniusliterature.flf.vu.lt/?page_id=22.

²¹ Cf. <http://www.mappingpetersburg.org/site/>.

²² Cf. <http://tango.bol.ucla.edu/orientnorth/intro.html>.

²³ Cf. <http://www.lancaster.ac.uk/spatialhum/>.

a criação de uma mudança radical na maneira que o espaço, lugar e geografia são explorados nas Humanidades, unindo Linguística de Corpus com os Sistemas de Informação Geográfica.

Em Portugal, se o interesse pela Literatura de Viagens é antigo e se refletiu em variadas investigações, este renovado interesse da Literatura pelos métodos geográficos parece dar apenas os primeiros passos. De facto, ao invés da Literatura comparada e dos estudos imagológicos, a Geografia literária é ainda muito embrionária.

Desde finais da década de setenta, com a emergência dos *Cultural Studies*, pretende-se que a abordagem dos textos de viagem se faça de forma mais abrangente e multidisciplinar, entendendo estes textos como culturais e abordando-os de forma complexa e aprofundada. A recente publicação do volume “Viagens e Viajantes” da *Revista CEM, Cultura, Espaço Memória*, em 2010, coordenado por Isabel Morujão e que acolhe a colaboração de especialistas de diversas áreas, é disso exemplo. Mais recentemente, temos assistido no nosso país aos primeiros passos para o desenvolvimento e expansão da Geografia literária. Maria Helena Buescu intitulou a sua abordagem das Rotas de escritores do século XX, “Torga. Identidades humanas numa Geografia literária” (BUESCU, 2004). Resultado do impulso da obra de Maria Leonor Machado de Sousa, também o Centro de Estudos Anglísticos da Universidade de Lisboa tem contribuído para a interpretação hermenêutica da Literatura de Viagens, quer de olhares de portugueses sobre a Inglaterra, quer de autores de expressão inglesa sobre Portugal.

Várias propostas de alargamento transdisciplinar têm, no entanto, surgido e o colóquio promovido nos dias 22 e 23 de setembro de 2011 pelo Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa. Intitulado “LÉA ! Lire en Europe aujourd’hui. Lire, de près de loin. Close reading versus Distant reading”, este Colóquio Internacional veio problematizar as conjeturas de Franco Moretti que defende uma maior objetividade na leitura dos textos literários. Destacamos também aqui os trabalhos do Congresso “Rotas e Raízes. Identidade e Intercâmbio Intercultural de Viagens e Turismo”. Organizado pela Universidade de Aveiro, este congresso, embora da área dos Estudos Culturais, conseguiu congregar a atenção de investigadores para a importância do espaço na obra literária. Para atestar o interesse da viagem no nosso país, o Instituto de Letras e Ciências Humanas da

Universidade do Minho organizou, nos dias 28 de fevereiro e 1 de março de 2013, o colóquio “O Imaginário das Viagens – Literatura, Cinema, Banda Desenhada”. O evento reuniu cerca de 50 investigadores ligados a múltiplas áreas das ciências humanas e sociais, refletindo sobre as poéticas e configurações imaginárias da viagem na literatura, no cinema e na banda desenhada: ficção arturiana, Märchen, *travel writing*, ficção científica, narrativa de aventuras (o romance de aventuras desde Defoe, o cinema, a literatura popular e a paraliteratura, a banda desenhada). Da mesma forma, o Grupo Comparatistas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, com o Grupo “Locus, Spaces, Places, Landscapes” parece começar a interessar-se por estas temáticas, nomeadamente a linha de investigação que une o turismo e a Literatura. A organização da conferência Lit&Tour: Conferência Internacional sobre Literatura e Turismo, em Novembro de 2012, dá-nos disso conta e, no nosso país, o interesse pela investigação na área da Geografia Literária parece começar agora a despertar.

Este renovado interesse da Literatura pelos métodos geográficos parece dar agora passos mais firmes, nomeadamente no Instituto de Estudos da Literatura Tradicional, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova, com a linha de investigação coordenada pela Ana Isabel Queiroz, *Atlas das Paisagens Literárias de Portugal Continental*, que tem redundado em preciosos contributos.

Por último, gostaríamos de sublinhar duas iniciativas programadas para o ano de 2015. De 19 a 21 de janeiro de 2015, na Faculdade de Letras de Lisboa, congratulamo-nos com a organização do *III Congresso Interdisciplinar Literatura, viagens e turismo cultural no Brasil, em França e em Portugal*²⁴ e, de nos dias 23 e 24 de abril, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, o Colóquio Luso-Francês *Géographie, langue et textes littéraires: écrire le lieu, fictionnaliser l'espace*, encontros científicos que contribuem para a consolidação da importância dos métodos geocríticos na renovação e na perenidade da Literatura de Viagens.

Para ilustrar a renovação e as virtudes desta metodologia, apresentamos um exemplo de cartografia temática realizada no âmbito da tese de doutoramento que apresentámos à Faculdade de Letras da Universidade

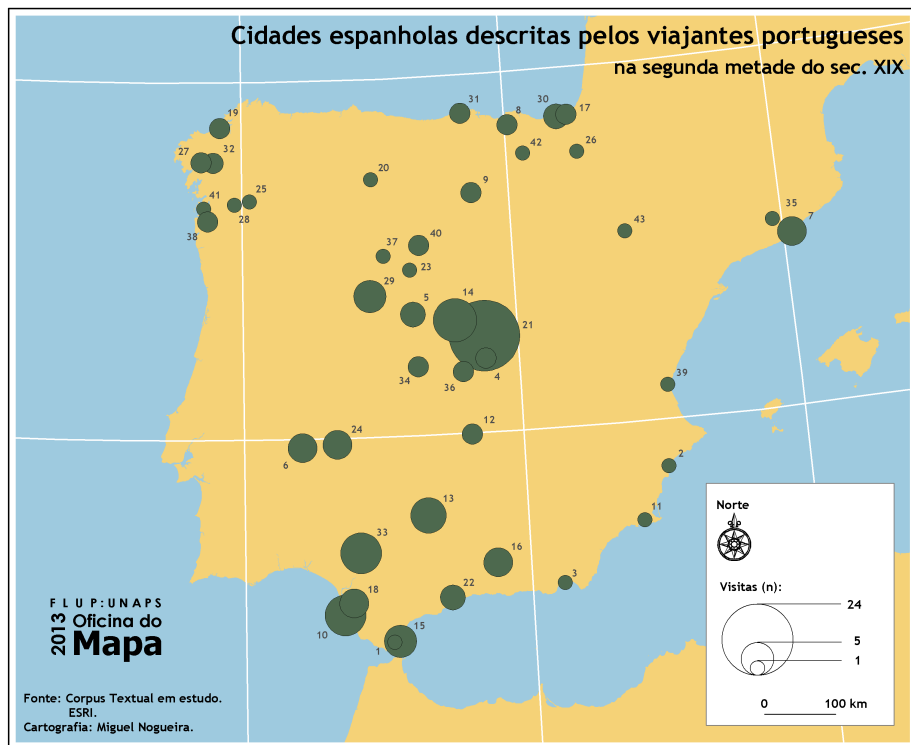
²⁴ Cf. <http://territur.wix.com/literatura-turismo15#!temas/cihc>.

do Porto, intitulada “Pela Espanha alheia: espaços vividos, espaços ficcionados”. Nesse trabalho, a análise das narrativas de viagem de autores portugueses a Espanha entre 1850 e 1900 e o levantamento toponímico efetuado permitiram elaborar uma vasta cartografia que nos deixou antever e compreender de forma mais aprofundada algumas das características fundamentais dos relatos de viagem portugueses a Espanha e da construção da identidade espanhola.

Em primeiro lugar, seja uma descrição panorâmica, fragmentária ou de passeio, as cidades são sempre um momento de paragem e de descrição obrigatória para os viajantes portugueses, concentrando toda a sua atenção. E através das descrições criaram-se verdadeiras imagens literalizadas das cidades, imagens essas que perduram até hoje, sob a forma de memórias turísticas. De facto, “la ciudad española puede llegar a ser también de esa forma, un edén para el romántico. Como lo es Granada en la prosa de Chateaubriand. (...) Granada, Sevilla, Cádiz, Córdoba o Ronda: ciudades románticas por excelencia, ciudades que quedaron indeleblemente grabadas en la imaginación y en la memoria del viajero.”

O mapa da Fig. 1 permite compreender quais as cidades mais valorizadas e, atendendo aos vazios encontrados, as cidades cuja visita os viajantes portugueses menosprezam. A nível regional, destacam-se nitidamente como espaços mais percorridos os percursos por Castela ou pela Estremadura, com destino a Madrid, e posterior visita, quase obrigatória, ao Escorial. Na sequência da visita a Madrid, nota-se igualmente a prevalência dos roteiros com destino aos países europeus, quer pelo País Basco, quer, quando as guerras carlistas não o permitiram, pela Cantábria. Um outro roteiro relevante é o que leva os viajantes rumo ao Sul de Espanha, sobretudo às cidades da Andaluzia, Sevilha, Granada, Córdoba, Cádiz e Málaga. Nota ainda para as cidades do litoral Mediterrâneo, visitadas por barco em direção à Catalunha, nomeadamente a Barcelona e, finalmente, para a Galiza, sobretudo o litoral. Uma colação deste mapa com um mapa do caminho de ferro deixa-nos sobretudo antever a perfeita coincidência entre as principais cidades visitadas e as cidades atravessadas pelas linhas ferroviárias. Os percursos preferidos pelos viajantes portugueses são os que em direção à capital, Madrid, e em direção aos restantes países europeus, constituem os eixos ferroviários principais e os mais importantes corredores de circulação na época, no seio da Península

Ibérica. Em contrapartida, Uma outra colação com o mapa das Províncias espanholas permite isolar os espaços não frequentados pelos portugueses. Desde logo, a Norte, as Astúrias, Navarra e Huesca. E no Centro da Península, a Rioja, Guadalajara, Teruel, Cuenca, Albacete e Jaén.



1 : Algeciras ; 2 : Alicante ; 3 : Ameria ; 4 : Aranjuez ; 5 : Ávila ; 6 : Badajoz ; 7 : Barcelona ; 8 : Bilbao ; 9 : Burgos ; 10 : Cádiz ; 11 : Cartagena ; 12 : Ciudad Real ; 13 : Córdoba ; 14 : El Escorial ; 15 : Gibraltar ; 16 : Granada ; 17 : Irún ; 18 : Jerez de la frontera ; 19 : La Coruña ; 20 : León ; 21 : Madrid ; 22 : Málaga ; 23 : Medina del Campo ; 24 : Mérida ; 25 : Ourense ; 26 : Pamplona ; 27 : Pontevedra ; 28 : Ribadavia ; 29 : Salamanca ; 30 : San Sebastian ; 31 : Santander ; 32 : Santiago de Compostela ; 33 : Sevilha ; 34 : Talavera de la Reina ; 35 : Tarragona ; 36 : Toledo ; 37 : Toro ; 38 : Tuy ; 39 : Valencia ; 40 : Valladolid ; 41 : Vigo ; 42 : Vitoria ; 43 : Zaragoza

Fig. 1: Cidades espanholas visitadas pelos viajantes portugueses (1850-1900)

Os métodos geocríticos permitiram-nos mais facilmente compreender que há um predomínio de referências, em primeiro lugar e à escala regional, às regiões de Castela e de Andaluzia e, em segundo lugar, à escala local, à cidade de Madrid e às cidades andaluzas (Sevilha, Granada e

Córdoba). Ainda à escala local, a cartografia temática também nos permitiu concluir que os itinerários percorridos, os monumentos visitados e os temas abordados pelos viajantes portugueses são estereotipados e convivem com vazios geográficos, ou com territórios menosprezados. A insistência das narrativas portuguesas na visita e no discurso sobre determinados espaços estereotipado coincide com a codificação de uma retórica nacionalista espanhola, cuja construção era partilhada também por alguns dos mais influentes intelectuais espanhóis, com quem os portugueses mantinham contactos e amizades, como Juan de Valera, Emílio Castelar, Benito Perez Galdós, e essas narrativas contribuirão, em definitivo, para a construção da identidade espanhola, pela repetição de imagens estereotipadas e de itinerários estandardizados que se transformarão nos locais frequentados pelos turistas atuais.

Bibliografía

ARROYO ILERA, Fernando (2008), "Geografía, Literatura e ideología en la segunda mitad del siglo XX: las "Guías de España" de Ediciones Destino", in *Estudios Geográficos*, Vol 69, N° 265, pp. 417-452.

BAILLY, Antoine (1977), *La perception de l'espace Urbain*, Paris, Centre de Recherche d'Urbanisme.

BAILLY, A e SCARIATI, R. (1990), *L'Humanisme en Géographie*, Paris, Armand Colin.

BARON, Christine (2011), "Littérature et géographie : lieux, espaces, paysages et écritures ", in *LHT , Littérature, Histoire Théorie*, N° 8, disponible en <http://www.fabula.org/lht/8/index.php?id=221>.

BASSNETT, Susan (1995), *Comparative Literature. A Critical introduction*, Oxford UK & Cambridge USA, Blackwell.

BELLER, Manfred e LEERSEN, Joep (org.) (2007), *Imagology. The cultural construction and literary representation of national characters. A critical survey*, Amsterdam, Rodopi.

BESSE, Jean-Marc (2000), *Voir la Terre. Six essais sur le paysage et la géographie*, Arles, Actes Sud.

BESSE, Jean-Marc (2003), *Face au monde. Atlas, jardins, géoramas*, Paris, Desclée de Brouwer.

BESSE, Jean-Marc (2006), *Ver a terra. Seis ensaios sobre a paisagem e a Geografia*, Sao Paulo, Editora Perspectiva.

BESSE, Jean-Marc (2010), *La sombra de las cosas. Sobre paisaje y Geografia*, Madrid, Editorial Biblioteca Nueva, 2010.

BRANDIS, Dolores (2010), "Los relatos de viajes en la construcción de la imagen de la ciudad. Itinerarios de viajeros extranjeros en el Madrid de

los siglos XVI, XVII y XVIII”, in *Ería, Revista Cuatrimestral de Geografía*, Oviedo, Ediuno, nº 83, pp. 311-325.

BROSSEAU, Marc (1993), “ La géographie olfactive ou le flair romanesque ”, dans CHEVALIER, M. (dir.), *La littérature dans tous ses espaces*, Paris, Éditions du CNRS, (coll. Mémoires et documents), pp. 87-101.

BROSSEAU, Marc (1994), “Geography’s Literature”, in *Progress in Human Geography*, vol. 18, nº 3, pp. 333-353.

BROSSEAU, Marc (2007), “Geografia e literatura”, in LOBATO CORRÊA, ROBERTO ET ROSENDAHL (dir.), *Literatura, Musica e espaço*, Rio de Janeiro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, pp. 17-77.

BROSSEAU, Marc (2011), “L’espace littéraire entre géographie et critique”, in NAVARRO PERDIÑAS, Blanca et VIGNEAULT, Luc (dir.), *Après tout, la littérature. Parcours d’espaces interdisciplinaires*. Québec, Presses de l’Université Laval, pp. 31-53.

BROSSEAU, Marc (2012), “Imaginaire des bas-fonds chez Bukowski”, in BÉDARD, M. et AUGUSTIN, J.-P. (dir.), *L’imaginaire géographique, un contrepoint à la réalité ? Perspectives, pratiques et devenir périphériques*. Québec, PUQ. pp. 225-236.

BUESCU, Maria Helena (2004), “Torga. Identidades humanas numa Geografia literária”, *Rota dos Escritores do Séc. XX*, Coimbra: Coimbra Capital da Cultura.

BUESCU, M. Helena e SANCHES Manuela Ribeiro (2002), *Literatura e Viagens Pós-Coloniais* (textos da jornada de estudos comparatistas realizada a 8 de Dezembro de 2001), Lisboa, Colibri.

CABO ASEGUINOLAZA, F. (2011), “The Spatial Turn in Literary Historiography.” *CLCWeb: Comparative Literature and Culture* 13 (5). <http://dx.doi.org/10.7771/1481-4374.1903>

CANTERO, Nicolás Ortega (2002), *Estudios sobre Historia del paisaje español*, Madrid, Ediciones de la Universidad Autónoma de Madrid.

CANTERO, Nicolás Ortega (1990), “El paisaje de España en los viajeros románticos”, in *Ería, Revista Cuatrimestral de Geografía*, Oviedo, Ediuno, pp. 121-137.

CANTERO, Nicolás Ortega (2002), “Los viajeros románticos extranjeros y el descubrimiento del paisaje de España”, in *RDTP*, LVII, 2, pp. 225-244.

CANTERO, Nicolás Ortega, ALVAREZ Jacobo García (2006), "La Visión de España en la obra de Élysée Reclus: imagen geográfica y proyección política y cultural", in *Eria*, nº 69, pp. 35-56.

CAPEL, Horacio (1985), "Geografía y Arte Apodémico en el Siglo de los Viajes", *Geocrítica*, nº 56, Universidade de Barcelona, disponível em: <http://www.ub.es/geocrit/geo56.htm>.

CAPEL, Horacio (2005), "As Cidades Espanholas (1970-2000): mudanças, especificidades e problemas", in Revista *Vivência*, nº 29, pp. 123-149, tradução de Raimundo Arrais.

CAPEL, Horacio (2007), "Ferrocarril, território, cidades", in *BIBLIO 3W, Revista de Geografia y Ciencias Sociales, (Serie documental Geocritica)*, Barcelona, Universidade de Barcelona, Vol. XII, nº 717, disponível em <http://www.ub.edu/geocrit/b3w-717.htm>.

CHEVALIER, Michel (2001), *Géographie et Littérature, La Géographie à l'aube du XXIème siècle. Acta Geographica – revue trimestrielle*, Paris, Société de Géographie, Hors Série (nº 1500).

CHEVALIER, Michel (2003), "Géographie et Littérature", in *La Littérature dans tous ses Espaces*, Paris, CNRS, pp. 1-83.

CHEVREL, Yves (1989), *Introduction à la Littérature Comparée*, Paris, PUF.

COLLOT, Michel (2011), "Pour une géographie littéraire", in *LHT, Littérature, Histoire, Théorie*, nº 8, disponível em: <http://www.fabula.org/lht/8/index.php?id=242>.

CRAVIDÃO, Fernanda (1992), "Ficção, espaço e sociedade: notas para uma leitura geográfica e social da obra de Alves Redol – Avieiros", *Cadernos de Geografia*, nº 11, pp. 37-47.

CRAVIDÃO, F. e MARQUES, M. (2000), "Literatura e Geografia: outras viagens, outros territórios. Emigrantes de Ferreira de Castro", *Cadernos de Geografia*, nº 19, pp. 23-27.

DAUNAIS, Isabelle (1996), *L'Art de la mesure ou l'invention de l'espace dans les récits d'Orient (XIXème siècle)*, Paris et Montréal, Presses Universitaires de Vincennes et Presses Universitaires de l'Université de Montréal.

FISHER, Jamie, MENNEL, Barbara (eds.) (2010), *Spatial Turns: space, place and mobility in german visual culture*, Amsterdam, Rodopi.

FREIXA, Consol (1999 a), "Imágenes y Percepción de la Naturaleza

en el Viajero Ilustrado”, in *Scripta Nova Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*, Barcelona, Universidad de Barcelona, N^o 42.

FREIXA, Consol (1993), *Los ingleses y el arte de viajar. Una visión de las ciudades españolas en el siglo XVIII*. Barcelona, Ediciones del Serbal.

FREIXA, Consol (1999 b), *Paisajes de España (Entre lo pintoresco y lo sublime)*, Barcelona, Ediciones del Serbal.

FRÉMONT, Armand (1976), *La región, espace vécu*, Paris, PUF.

GARCIA ALVAREZ, Jácobo (2007), “Paisajes nacionales, turismo y políticas de memoria: Toledo (1900-1950)”, in *Ería*, 73-74, pp. 193-212.

GARCIA ALVAREZ, Jácobo (2007), “Valoraciones culturales y geográficas de la ciudad de Toledo en la primera mitad del siglo XX: de lugar de memoria e identidad nacional a paisaje patrimonial”, in PAÛL CARRIL, V. e TORT DONADA, J. (eds.), *Territorios, paisajes y lugares. Trabajos recientes de pensamiento geográfico*, Cabrera del Mar, Galerada – Asociación de Geógrafos Españoles, pp. 405-418.

GARCIA ALVAREZ, Jácobo (2003,) *Provincias, regiones y comunidades autónomas. La formación del mapa político de España*, Madrid, Senado, pp. 305-338.

GARCIA ALVAREZ, Jácobo (2009), “Lugares, Paisajes y políticas de memoria: una lectura geográfica”, in *Boletín de la A.G.E.* N.º 51, pp. 175-202.

GARCIA ALVAREZ, Jácobo (2010), “Toledo: espácio de memoria”, in MARTINEZ PISON, Eduardo y ORTEGA CANTERO, Nicolas (2010), *El paisaje: valores y Identidad*, Madrid, Universidad Autonoma de Madrid, pp. 69-104.

GARCÍA ÁLVAREZ, Jacobo y MARIAS MARTINEZ, Daniel (2002), *Nacionalismo y educación geográfica en la España del siglo XX*, Santiago de Compostela, Universidad de Santiago de Compostela.

GARCÍA ÁLVAREZ, J. e ORTEGA CANTERO, N. (2006), “La visión de España en la obra de Élisée Reclus: imagen geográfica y proyección política y cultural”, *Ería*, nº 69, pp. 35-56. Disponível em: <http://dialnet.unirioja.es/servlet/extaut?codigo=34406>

GARCIA, João Carlos e MOREIRA, Luís Miguel, (2008), “El geógrafo trabaja en su casa: espaços portugueses na produção cartográfica de Tomáz López”, in *Península, Revista de Estudos Ibéricos*, n.º 5, pp. 103-125.

GARCIA, João Carlos (1984), "O Baixo Guadiana: formação de uma fronteira", in *Actas do III Colóquio Ibérico de Geografia*, Barcelona, Universitat de Barcelona. Facultat Geografia i Història, pp. 611-620.

GARCIA, João Carlos (1986a), *O espaço medieval da Reconquista no Sudoeste da Península Ibérica*, Lisboa, Centro de Estudos Geográficos.

GARCIA, João Carlos (1986b), "Eça de Queirós na Aquitânia: o turismo no fim de século", in *1ª Jornadas de Estudo Norte de Portugal – Aquitânia*, Porto, pp. 381-395.

GARCIA, João Carlos (1996), *A navegação no baixo Guadiana durante o ciclo de minério: 1857-1917*, Porto, Dissertação de Doutoramento em Geografia Humana apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

GIRÃO, Amorim (1936a), "A Corografia Portuguesa nas obras de Gil Vicente", *Biblos*, Vol. XII, pp. 473-496.

GIRÃO, Amorim (1936b), "O Ribatejo na obra de Gil Vicente", in *Boletim da Junta Geral do Distrito de Santarém*, nº 43, pp. 57-63.

GIRÃO, Amorim (1951), "As descrições de viagens dos séculos XVI e XVII e a Geografia Humana", in *Boletim do Centro de Estudos Geográficos*, nº 2 e 3, pp. 91-96.

GIRÃO, Amorim (1952), "Geografia e Literatura" in *Boletim do Centro de Estudos Geográficos*, nº 4 e 5, pp. 105-107.

GOMEZ MENDONZA, Josefina, ORTEGA CANTERO, Nicolás (1988), *Viajeros y paisajes*, Madrid, Alianza Editorial.

GOMEZ MENDONZA, Josefina, ORTEGA CANTERO, Nicolás (1987), "Geografía y regeneracionismo en España (1875-1936)", *Sistema*, 77, pp. 77-89.

HERNANDO, Agustín (1996), "La producción de Atlas geográficos en España", in *Revista de Geografía*, vol. XXX-XXXI, pp. 111-121.

HESS-LÜTTICH, Ernest W. B. (2012), "Spatial turn: On the Concept of Space in Cultural Geography and Literary Theory", in *Journal for Theoretical Cartography*, Vol. 5.

IKAS, Karin, WAGNER, Gerhard (eds.) (2009), *Communicating in The Third Space*, Routledge.

LEFEBVRE, H. (1991), *The production of space*, Oxford, Blackwell.

LEMA, Paula Bordalo (1999), "Desde a Origem, Uma Geografia das Viagens. O interesse pelo Oriente de clima tropical, cultura autóctone,

riqueza fabulosa nas obras de João de Barros, O Descobrimento da Índia e de Fernão Mendes Pinto, Peregrinação”, in *Finisterra*, XXXIV, 68-69, pp. 37-45.

LÉVY, Bertrand (1989), *Géographie humaniste et littérature: l'espace existentiel dans l'oeuvre de Hermann Hesse (1877-1962)*, Genève, Le concept moderne/Éditions, Genève.

LÉVY, Bertrand (1997), “Géographie culturelle, géographie humaine et littérature, position épistémologique et méthodologique.” *Géographie et cultures* (21), pp. 27-44.

LÉVY, Bertrand (2006), “Géographie et littérature. Une synthèse historique.” *Le globe* (146), pp. 25-52.

LÉVY, Bertrand (2009), “Paysages urbains nocturnes et littéraires. Exemples pris à Tokyo et Paris.” *Articulo.ch, Revue des sciences humaines* (hors série 2), pp. 1-11.

LÓPEZ ONTIVEROS, A. (1988), “El paisaje d Andalucía en los viajeros románticos: creación y pervivencia del mito andaluz desde una perspectiva geográfica.”, in GOMEZ MENDONZA, J. e ORTEGA CANTERO, N., *Viajeros y Paisajes*, Madrid, Alianza Editorial, pp. 31-65.

LÓPEZ ONTIVEROS, A. (2001), “Caracterización geográfica de Andalucía según la Literatura viajera de los siglos XVIII y XIX”, in *Ería*, 54-55, pp. 7-51

LÓPEZ ONTIVEROS, A. (2002), “Del prerromanticismo al romanticismo: el paisaje de Andalucía en los viajeros de los siglos XVIII y XIX”, in ORTEGA CANTERO, Nicolás (ed.), *Estudios sobre historia del paisaje español*, Madrid, Universidad Autónoma de Madrid, pp. 115-154 .

LÓPEZ ONTIVEROS, Antonio; NOGUÉ, Joan; ORTEGA CANTERO, Nicolás (coords.) (2006), *Representaciones culturales del paisaje. Y una excursión por Doñana*, Madrid, Universidad Autónoma de Madrid-Grupo de Trabajo de Historia del Pensamiento Geográfico (A.G.E.).

MAASSEY, D., y JESS, P. (eds.) (1995), *A Place in the World? Places, cultures and globalization*, Oxford, Open University Press.

MALLORY, William E., SIMPSON-HOUSLEY, Paul (1987), *Geography and Literature: a meeting of the disciplines*, New York, Siracuse University Press.

MANGUEL, Alberto e GUADALUPI, Gianni (2003), *Dicionário de Lugares Imaginários*, S. Paulo, Companhia das Letras.

MARTÍNEZ PISON, Eduardo y ORTEGA CANTERO, Nicolas (2009), *Los valores del paisaje*, Madrid, Universidad Autónoma de Madrid, Fundación Duques de Soria.

MARTÍNEZ PISON, Eduardo y ORTEGA CANTERO, Nicolas (2010), *El paisaje: valores y Identidad*, Madrid, Universidad Autónoma de Madrid, Fundación Duques de Soria.

MARTÍNEZ PISON, Eduardo (1984), "Los libros de viaje", in *Annales de Geografía de la Universidad Complutense*, nº 4, pp. 57-80.

MARTÍNEZ PISON, Eduardo (1998), *Imagen del paisaje. La generación del 98 y Ortega y Gasset*, Madrid, Caja Madrid.

MORETTI, Franco (2005), *Graphs, Maps, Trees, Abstract models for a Literary Theory*, Londres, Verso.

MORETTI, Franco (1998), *Atlas of the European Novel, 1800-1900*, Londres, Verso.

MORUJÃO, Isabel ed. (2010), *Viagens & Viajantes, Revista CEM, Cultura, espaço, Memória*, nº 1, Porto, CITCEM.

ORTEGA CANTERO, Nicolás (1990), "El paisaje de España en los viajeros románticos", in *Eria*, pp. 121-137.

ORTEGA CANTERO, Nicolás (1992), "Geografía y Literatura", in *La Geografía en España (1970-1990)*, Madrid, Real Sociedad Geográfica – Asociación de Geógrafos Españoles, pp. 307-311.

ORTEGA CANTERO, Nicolás (1999), "Romanticismo, paisaje y geografía. Los relatos de viajes por España en la primera mitad del siglo XIX" in *Eria*, pp. 121-128.

ORTEGA CANTERO, Nicolás (2000), "Relatos de viajeros por España y Portugal", in *RDL – Revista de Libros de la Caja de Madrid*, nº 47, disponible en <http://www.revistadelibros.com/articulos/relatos-de-viajeros-por-espana-y-portugal>

ORTEGA CANTERO, Nicolás (2002a), "Los viajeros románticos extranjeros y el descubrimiento del paisaje español", in *Revista de Dialectología y Tradiciones Populares*, Vol. 57, Nº 2, pp. 225-244.

ORTEGA CANTERO, Nicolás (2002b), *Estudios sobre historia del paisaje español*, Madrid, Universidad Autónoma de Madrid.

ORTEGA CANTERO, Nicolás (2002c), "Paisaje y Identidad nacional en Azorín", in *Boletín de la A.G.E.*, nº 34, pp. 119-131.

ORTEGA CANTERO, Nicolás (2004), *Naturaleza y cultura del paisaje*, Madrid, Universidad Autónoma de Madrid, Fundación Duques de Soria.

ORTEGA CANTERO, Nicolás (2006), "Ver, pensar, sentir el paisaje. Expresiones literarias del paisajismo moderno", in ORTEGA CANTERO, N. (ed.), *Imágenes del paisaje*. Madrid, Universidad Autónoma de Madrid/Fundación Duques de Soria, pp. 9-47.

ORTEGA CANTERO, Nicolás (2009), "Paisaje y Identidad. La visión de Castilla como paisaje nacional", in *Boletín de la A.G.E.*, nº 51, pp. 29-45.

ORTEGA CANTERO, Nicolás; GARCÍA ÁLVAREZ, Jacobo y MOLLÁ RUIZ-GÓMEZ, Manuel (ed.) (2010), *Lenguajes y visiones del paisaje y del territorio*, Madrid, UAM / Universidad Carlos III y Grupo de Historia del Pensamiento Geográfico de la AGE.

ORTEGA VALCÁRCEL, José (2004), "La Geografía para el siglo XXI", in ROMERO, Juan (coord.), *Geografía Humana. Procesos, riesgos e incertidumbres en un mundo globalizado*, Barcelona, Ariel, pp. 25-53.

PAGEUX, Daniel-Henri (2000), "De la géocritique à la géosymbolique. Regards sur un champ interdisciplinaire : littérature générale et comparée et géographie", in WESTPHAL, Bertrand (éd.), *La géocritique mode d'emploi*, PULIM, Limoges, pp. 125-164.

PASCOAL, Sara Cerqueira (2008), "A paisagem espanhola n'As Viagens de Luciano Cordeiro. Na charneira entre Literatura e Geografia", in *Polissema 8, Revista de Letras do ISCAP*, S. Mamede Infesta, Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto, pp. 233-263.

PASCOAL, Sara Cerqueira (2010), "A percepção do espaço ibérico nas Viagens de Coelho de Carvalho (1888)", in *Actas do VI Congresso Nacional da Associação Portuguesa de Literatura Comparada*. Braga, Universidade do Minho, 2010, disponível em: http://ceh.ilch.uminho.pt/publicacoes/Pub_Sara_Pascoal.pdf

PASCOAL, Sara Cerqueira e PASCOAL, José Eduardo (2007), "La España de Luciano Cordeiro: espacios vividos, espacios de ficción" in PAÜL CARRIL, V. e TORT DONADA, J. (eds.), *Territorios, paisajes y lugares. Trabajos recientes de pensamiento geográfico*, Cabrera del Mar, Galerada – Asociación de Geógrafos Españoles, pp. 159-175.

PAÜL CARRIL, V. e TORT DONADA, J. (eds.), *Territorios, paisajes y*

lugares. Trabajos recientes de pensamiento geográfico, Cabrera del Mar, Galerada – Asociación de Geógrafos Españoles.

PERONA VILLAREAL, Diego (1988), *Geografía Cervantina*, Madrid, Albia.

PERONA VILLAREAL, Diego (2005), *Los mapas del Quijote*, Madrid, Biblioteca Nacional.

PIATTI, Barbara *et al.* (2009), "Literary Geography – or how Cartographers open up a New Dimension for Literary Studies", in *Proceedings of the 24th International Cartographic Conference*, Santiago de Chile, disponível em: http://icaci.org/documents/ICC_proceedings/ICC2009/html/noref/24_1.pdf

PIATTI, Barbara (2008), *Die Geographie der Literatur. Schauplätze, Handlungsräume, Raumphantasien*, Zurich, Wallstein.

POCOCK, D. (1981), *Humanistic Geography and Literature. Essays on the experience of place*, London, Croom-Helm.

POCOCK, D. (1988), "Geography and Literature", in *Progress in Human Geography*, vol. 12, nº 1, pp. 87-102.

RAJOTTE, Pierre (1998), "Rendre l'espace lisible : Le récit de voyage au XIXème siècle", in *Studies in Canadian Literature/Études en Littérature Canadienne*, volume 23, Number 1, pp. 127-148.

REQUEMORA, Sylvie (2002), " L'espace dans la Littérature de Voyage ", in *Études Littéraires*, vol. 34, nº 1-2, pp. 249-276, disponível em <http://www.erudit.org/revue/etudlitt/2002/v34/n1-2/007566ar.html>

RIBEIRO, Orlando (1991), *Opúsculos Geográficos*, IV Volume: *O mundo rural*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian;

RIBEIRO, Orlando (1995), *Opúsculos Geográficos. Estudos Regionais*, Vol. VI, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

SALGUEIRO, Teresa Barata (2001), "Paisagem e Geografia", in *Finisterra*, XXXVI, 72, pp. 37-52.

SALTER, C. e LLOYD, W. (1977), "Landscape in Literature", in *Resource Paper for College Geography*, 76-3, Washington, Association of American Geographers.

SEIXO, Maria Alzira e ABREU, Graça (org.) (1998), *Les Récits de Voyage: typologie, historicité*, Lisboa, Edições Cosmos.

SEIXO, M^a Alzira (coord.) (1997), *A Viagem na Literatura*, Lisboa, Pub. Europa-América/CNCDP, (Col. Viagem, n^o 1).

SERRANO, María del Mar (1993), *Las Guías urbanas y los libros de viaje en la España del siglo XIX. Repertorio bibliográfico y análisis de su estructura y contenido*, Barcelona, Universitat de Barcelona.

SERRANO, María del Mar (1993), "Viajes y viajeros por la España del siglo XIX", in *Geocritica, Cuadernos Críticos de Geografía Humana*, Barcelona, Universidad de Barcelona, Año XVII, n^o 98.

SIMPSON-HOUSLEY, P. e MALLORY, W. (1987), *Geography and Literature: a meeting of disciplines*, Syracuse, Syracuse University Press.

SOJA, Edward (1996), *Thirdspace: Journey to Los Angeles and other real-and-imagined places*, Oxford, Blackwell.

SOJA, Edward (1989), *Postmodern Geographies. The Reassertion of Space in Critical Social Theory*, London/New York, Verso.

TALLY, Robert T. (2012), *Spatiality*, Taylor & Francis, Routledge

TALLY, Robert T. (2011), *Geocritical Explorations: Space, Place, and Mapping in Literary and Cultural Studies*, New York, Palgrave Macmillan.

TALLY, Robert T. (2009), *Melville, Mapping and Globalization. Literary cartography in the American baroque writer*, London, Continuum Publishing group.

TALLY, Robert T. (2009), "Geocriticism: Mapping the Spaces of Literature." *Faculty Publications-English* (October 1). Disponível em: <http://ecommons.txstate.edu/englfacp/21>

TALLY, Robert T. (2008), "Spaces of Narrative: Melville's Literary Cartography." *Research Enhancement Program Final Reports*: 174.

TISSIER, Jean-Louis (1981), "De l'esprit géographique dans l'œuvre de Julien Gracq", in *L'Espace géographique*, n^o 1, pp. 50-59.

TISSIER, Jean-Louis (1992), "Géographie et littérature", in BAILLY, A. (ed.), *Encyclopédie de Géographie*, Paris, Economica, pp. 217-237.

TUAN, Yi-Fu (1978), "Literature and Geography: implications for geographical research", in LEY, David and SAMUELS, Marwyn S. (ed.), *Humanistic Geography, prospects and problems*, Chicago, Maaroufa Press.

TUAN, Yi-Fu (1980), *Topofilia – Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do meio Ambiente*, São Paulo, DIFEL.

TUAN, Yi-Fu (2012), *Humanistic Geography: An Individual's search for meaning*, Wisconsin, University of Wisconsin Press.

VION-DURY, Juliette, GRASSIN, Jean-Marie, WESTPHAL, Bertrand (coord.) (2003), *Littérature et Espaces, Actes du XXXème Congrès de la Société Française de Littérature Générale et Comparée*, Limoges, Presses Universitaires de Limoges (PULIM).

WESTPHAL, Bertrand (2007), *La Géocritique: Réel, fiction, espace*. Paris, Les Éditions de Minuit.

WESTPHAL, Bertrand (2000), *La géocritique mode d'emploi*, PULIM, Limoges.

WINKLER, Kathrin, SEIFERT, Kim, DETERING, Heinrich (2012), "Literary Studies and the Spatial Turn", in *Journal of Literary Theory*, vol. 6, n° 1, pp. 253-270.

YAEGER, P. (2006), "Introduction: Narrating Space", in YAEGER, P. (ed.), *The Geography of identity*, Ann Arbor, University of Michigan, pp. 1-39.

ZARATE MARTÍN, António (1992), "Pintura de paisaje e imagen de España: un instrumento de análisis geográfico", in *Espacio, Tiempo y Forma*, Serie VI, Geografía, t. V, pp. 41-66.

ZUSMAN, Perla, LOIS, Carla e CASTRO, Hortensia (2007), *Viajes y Geografía. Exploraciones, turismo y migraciones en la construcción de lugares*, Buenos Aires, Editora Prometeo.